

## **Regional design: o renascer do projeto do território**

**Aline Beatrís Skowronski da Silva**

Doutoranda, UEM, Brasil  
aline.skowronski@ifpr.edu.br

**Gislaine Elizete Beloto**

Professora Doutora, UEM, Brasil.  
gebeloto@uem.br

## RESUMO

O Regional Design é um conjunto de ideias e experiências profissionais sob a perspectiva territorial e multiescalar, cujo resultado é o projeto do território. Este texto refere-se ao Regional Design como metodologia a partir do Plano di Firenze (2017), de onde se extraiu o conteúdo para elaboração do projeto para o eixo Londrina-Maringá, situado no norte do estado do Paraná, resultado de um exercício acadêmico da disciplina de Estruturas Regionais e Urbanas do curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo que envolveu os programas PPU (UEM/UEL) e Pós-Arq (UFSC). Tendo como pano de fundo a discussão entre projeto e plano e diante da apresentação do referido exercício, conclui-se que, a partir do Regional Design, o projeto da região é uma imagem global e precisa de uma interpretação abstrata do território.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inovação metodológica; projeto regional; urbanismo regional.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX o planejamento urbano e regional esteve flertando com a ciência e, em algum momento, o método culminou como a chave para que vigorasse a ciência do planejamento. Ele, o planejamento, foi compatível com os parâmetros de racionalidade da sociedade industrial e foi permissível aos paradigmas de sua época na formatação do seu conteúdo e da sua imagem. Foi se transformando de *master planning* - como os planos para *Greater London* de 1945 ou o plano para *Stockholm* de 1952 - em *systems planning* - onde imperou a clareza metodológica e a visão processual. Denominado de planejamento sistêmico-racional (*system planning*, *systematic planning process*, ou ainda *rational comprehensive model*), após os anos de 1960 o *planning* trocou o *blueprint* pelos objetivos e alternativas de implementação. Tornou-se processo, sendo o plano uma ferramenta e não mais seu próprio conteúdo. São referências teóricas as obras de Brian McLoughlin (1969) intitulada *Urban and regional planning: a systems approach* e de George Chadwick (1971) nominada *A systems view of planning* (Hall, 1992; Cuthbert, 2011).

Por outro lado, nascia na Holanda e nos Estados Unidos na década de 1980 o Regional Design. A prevalência do projeto e da representação gráfica em oposição ao método sistêmico-racional do planejamento fez com que o Regional Design fosse comparado àquele primeiro estágio do planejamento da primeira metade do século passado (Neuman & Zonneveld, 2021). O Regional Design como abordagem do planejamento regional atualiza os conceitos de Patrick Geddes, Ebenezer Howard, Frederick Law Olmsted e Peter Kropotkin e tem como marco conceitual e metodológico os trabalhos de Ian McHarg (1969), Ed Bacon (1967) e Kevin Lynch (1976). Ressurgiu para intermediar as escalas do território, fruto de uma urbanização dispersa, e da cidade ou bairro, real dimensão das ações de projeto. (NEUMAN, 2000; NEUMAN, ZONNEVELD, 2021) Assim, as propostas desenvolvidas na Europa, como o plano de Flanders (1997), se destacam pela aplicação de ferramentas com os conceitos espaciais, mapas e imagens da região, o que foi possível pela participação de profissionais como Van den Broeck, que esteve à frente das propostas de planejamento transnacional na região de Benelux - Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo (ZONNEVELD, FALUDI, 1997).

O Regional Design nos Estados Unidos data de 1989 com o *New Jersey State Plan*, um plano vinculado ao arranjo infraestrutural proposto (Neuman, 2021). Naquele momento, Regional Design foi descrito como “o ato intencional de moldar a forma física (design) de padrões de assentamentos humanos em grandes áreas geográficas (regions)”. O principal

objetivo do plano foi organizar o crescimento das cidades e conectá-las em redes regionais dentro de um processo de gerenciamento do território. Desta maneira, o Regional Design se enquadrou em um sistema, logo “um antídoto para o padrão de desenvolvimento de expansão pós-Segunda Guerra Mundial”. (New Jersey Office of State Planning, 1990, p.9)

Os projetos desenvolvidos na Holanda têm apresentado diferentes vieses na aplicação do Regional Design, e se destacam em relação à administração dos recursos hídricos da região. Buscam intercambiar o conhecimento do território às aspirações políticas e, deste modo, enfatizar a sustentabilidade das ações e dos projetos. No *Randstad Plan*, por exemplo, que envolveu planejadores alemães associados a grupos políticos e outras equipes multidisciplinares, o objetivo foi repensar a importância econômica e o papel competitivo dessa rede de cidades que vinha se deteriorando em relação às outras regiões metropolitanas. (Ring City, 2010) As estratégias estavam baseadas no aumento da acessibilidade e das conexões, principalmente nas áreas que possuem relações internacionais, como centros logísticos e de distribuição. (NEUMAN, ZONNEVELD, 2021; BALZ, 2019)

Mais recentemente, a abordagem do Regional Design foi aplicada no Piano di Firenze - Plano Estratégico para Florença, na Itália, intitulado *Rinascimento* Metropolitano (2018), e elaborado pela Università Degli Studi di Firenze em conjunto com o governo e representantes locais. O plano propõe repensar a região metropolitana da menor cidade global do mundo, onde se concentra uma diversidade cultural e uma formação estrutural e histórica de nível internacional.

Em busca da sustentabilidade e resiliência dos territórios e de suas comunidades, o Regional Design ressurgiu como um conjunto de estratégias territoriais associadas aos demais aspectos regionais para propor um equilíbrio entre as múltiplas escalas que coexistem na região, na cidade e no bairro. Para a sustentação ecológica, ferramentas que promovam a recuperação do ambiente, que preparem as comunidades para as mudanças e que indiquem caminhos para se evitar desastres passam a compor o quadro do Regional Design.

Diante da contemporaneidade metodológica e conceitual, este texto visa demonstrar a aplicação do Regional Design em uma região brasileira por meio de um exercício acadêmico. Para além de novas experiências didáticas, a introdução de outras formas de olhar o território e de diferentes práticas projetuais contempla a quebra da hegemonia de um planejamento urbano e regional calcado na elaboração de zoneamento ou em planos econômicos que viabilizem os arranjos territoriais. Enaltece a possibilidade de se projetar na escala regional, tal como Benton MacKaye ou mesmo Ludwig Hilberseimer, fortalecendo o principal meio de comunicação do arquiteto, que é o desenho.

## 1. NOTAS SOBRE O REGIONAL DESIGN

O Regional Design é um conjunto de ideias e experiências profissionais sob a perspectiva territorial e multiescalar, cujo resultado é o projeto do território demonstrado através de conceitos e hipóteses ou visões de futuro. Conforme Neuman (2000, p.116) é preciso uma “perspectiva regional para orientar o arranjo dos assentamentos humanos” em múltiplas dimensões da rede urbana, sendo as conexões desta rede o principal alvo do Regional Design. “Cidades, os vínculos entre elas e seus arredores são os três principais

componentes físicos das regiões objetos do Regional Design.” O autor continua afirmando que “o Regional Design é uma estratégia que orienta e fornece uma estrutura para as decisões e ações em menor escala” e é justamente a função estratégica do projeto regional que distingue o Regional Design do planejamento sistêmico-racional, além do enfoque na representação e no desenho em si. (NEUMAN, 2021)

Devido ao fato de ser projeto, o Regional Design exige habilidades de interpretação e de representação do território. Tem como foco as regiões que passam por pressões ou grandes transformações, principalmente relacionadas às mudanças climáticas, aumento expressivo da população e, ainda, que visem um novo modo vida na direção da sustentabilidade, promovendo a recuperação de ambientes e propondo a utilização de energias renováveis e em seus processos de produção e transformação.

Os elementos de análise definidos por Neuman (2018) e que configuram o espectro do Regional Design são a região, as cidades e as conexões. O autor destaca como quarto elemento de análise as instituições, que são fundamentais para a governança regional. Estes elementos ancoram-se em três pilares que sintetizam a metodologia: (1) as representações, que interpretam o cenário existente e criam os cenários futuros, possibilitando uma discussão entre todos os atores do projeto e contribuindo para as tomadas de decisão; (2) os conceitos, através dos quais os urbanistas definem a estrutura espacial de trabalho - estes conceitos são compreendidos a partir das dimensões: analítica, normativa, discursiva e projetual; e (3) as metáforas espaciais e imagens evocativas, que junto com os conceitos, servem como elementos de leitura, narração e projeto (FUCILE et al, 2017).

Ao lidar com diferentes níveis de complexidades da região e da cidade, o Regional Design encontra nas fronteiras e barreiras políticas um latente desafio do planejamento urbano, uma vez que a circulação de pessoas, o transporte comercial, assim como o ambiente natural, o terreno, os rios, a vida, enfim, não obedecem nem se limitam às demarcações geopolíticas. De maneira reativa, partindo das estruturas tanto físicas como gestoras vigentes, o planejamento estatutário tradicional em geral contenta-se em regular e ordenar o espaço, enfatizando o zoneamento e a legislação, e ignorando ou omitindo fluxos e processos (NEUMAN, 2005). Para o Regional Design, é na confrontação desses movimentos fluidos com as delimitações estáticas, em que essas linhas se tornam difusas, que sua atuação se torna efetiva (NEUMAN, 2014).

A prática do Regional Design tem demonstrado dois importantes atributos: (1) governança e prática colaborativa e (2) o território visto como processos. O primeiro pode ser traduzido pela efetiva parceria entre governo e profissionais de urbanismo e pela conexão entre profissionais e a comunidade. Assim, temos os profissionais como a ponte entre o político e os agentes sociais. (KEMPENAAR e VAN DEN BRINK, 2017; Balz, 2019) A partir deste grupo de atores, suas ideias e propostas para a região compõem cenários futuros que se alinham à resiliência e à sustentabilidade local. Para tanto propõem a larga utilização de imagens e mapas, como ferramentas para analisar os parâmetros espaciais com o objetivo de compreender a região e propor direcionamentos para o futuro. O segundo atributo diz respeito à conexão da escala local e regional por meio das dinâmicas econômicas metropolitanas, que vem impondo outro ritmo às relações, às trocas e às conexões. Diferente do planejamento regional do século XX, o Regional Design inclui em seu debate os fluxos e processos inerentes

às regiões em transformação, o que faz dele uma prática de projeto não apenas territorial. Ao espacializar os movimentos, os fluxos, acaba também por desenhar processos (NEUMAN, ZONNEVELD, 2018).

O Regional Design possui as ferramentas necessárias para atuar nas escalas regionais contribuindo na formação de grupos colaborativos, nos processos de negociação, ampliando os limites administrativos municipais, promovendo discussões em diferentes níveis e lidando com complexidades de diferentes naturezas - a dispersão das cidades, o espalhamento das metrópoles no território, o aumento da população urbana motivado principalmente pela mobilidade e interconectividade, e os problemas ainda remanescentes dos períodos anteriores, como a falta de moradia, a poluição, congestionamentos e uso intensivo dos recursos naturais. (NEUMAN, ZONNEVELD, 2021)

## 2. O PROJETO NA ESCALA REGIONAL

A discussões que emanam deste texto tem como base o exercício desenvolvido na disciplina de Estruturas Regionais e Urbanas. Planejamento e estratégias de projetos<sup>1</sup> vinculada às pós-graduações em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo do exercício acadêmico foi elaborar um projeto regional a partir de duas abordagens distintas e contemporâneas sobre plano e projeto regional, as quais são Regional Design e Swarm Planning. A saber, foram desenvolvidos planos e projetos para o norte do estado do Paraná, especificamente o eixo Londrina-Maringá, e para o leste de Santa Catarina, contemplando o Vale do rio Itajaí.

Especificamente sobre o Regional Design, a disciplina se pautou na metodologia do Plano de Firenze, publicado em 2017. Oficialmente intitulado Plano Estratégico Metropolitano de Florença 2030 (PSM), teve enfoque humanístico na articulação da ação pública para a inovação na governança do território, atuando nas comunidades e tendo como objeto central os cidadãos, os mais importantes componentes ativos da sociedade. O processo rápido do método, diferente da tradicional morosidade da ação pública no planejamento das cidades, abre possibilidades para um novo dinamismo institucional adaptativo, verdadeiramente inovador, com ênfase na prestação de contas dos projetos e passos dados e a contínua adaptação.

O PSM Florença 2030, teve a função de projetar estratégias para atingir os objetivos e elencar parâmetros para sua execução em longo prazo e ordenada em três visões: a acessibilidade universal, condição indispensável para a participação na vida social e para a usabilidade de espaços e serviços; a definição de oportunidades generalizadas, ativação de múltiplos e variados recursos e oportunidades presentes em toda a área metropolitana; e terras do bem-estar, uma inovação do território metropolitano que valoriza o território rural como um conjunto integrado de qualidade de vida e equilíbrio ecossistêmico. As visões surgem de uma série de argumentos sistematizados pelo método, contendo opções, escolhas e ações, todas compartilhadas com as instituições locais, órgãos intermediários, associações e forças

---

<sup>1</sup> Os responsáveis pela disciplina foram Profa. Dra. Gislaíne Beloto (PPU-UEM) e Prof. Dr. Sérgio Moraes (Pós-ARQ-UFSC)

econômicas presentes na sociedade. As estratégias desenvolvidas para cada visão foram expressas em ações que visaram torná-las executáveis.

No caso do exercício acadêmico, após o levantamento dos dados, seguiu-se a elaboração de mapas conceituais que ressaltaram as potencialidades e fraquezas da região de estudo. Divididos em eixos descritivos e analíticos, os mapas conformaram uma matriz multicritérios, de fácil visualização e análise. A chamada leitura multicritérios resultou nos mapas sínteses, reveladores das estruturas regionais e, em último caso, auxiliou na descrição dos conceitos espaciais e nas propostas dos cenários futuros.

Os mapas integrantes da matriz abstraem, embora não ignorem, consolidações presentes nos levantamentos, permitindo a concepção de mapas cujos desenhos, em uma linguagem figurativa e metafórica, representam potenciais conexões, eixos e formas. Uma vez levadas em conta todas essas análises para realizar seu desenho, o mapa síntese, então, revela um plano espacial que expressa como essas possibilidades de integrações, sobreposições e entrelaçamentos podem ocorrer de maneira coesa com o ambiente estudado.

Kempenaar & van den Brink (2017, p.8) dispõem sobre elementos chave para a síntese do território, dentre os quais se destaca a habilidade de representação e interpretação do sítio, onde escreve que os urbanistas devem ser capazes de dar forma e dimensão apropriada às ideias, além de habilidade de visualizá-las e elaborá-las. Representação imagética de um resumo de dados e de histórias, a matriz analítica é de fundamental importância para o andamento do processo do Regional Design e pode ser utilizada em qualquer momento para promover debates, levantar questões, ampliar o conhecimento da região por diferentes atores, de forma participativa.

Na transposição das limitações cartográficas e governamentais, o processo de criação de um projeto regional, principalmente ao praticar a sua discussão, necessita também de uma linguagem comum e compreensível que, além de possibilitar e incentivar a participação de indivíduos com formações distintas, permite expandir o exercício de design para integrar características, como fluxos e processos presentes numa região, que não têm necessariamente um “desenho”.

Nesse momento, as ferramentas utilizadas, de maneira metafórica e figurativa, são representações espaciais do plano a ser criado. O resultado que emerge da interpretação do mapa síntese pode ser chamado de metáfora, que no exemplo do Plano Estratégico para Metrôpole de Florença (2018) foi representada pelos ritmos, simbolizando a grande variedade de funções da região e, ao mesmo tempo, os diferentes processos que foram se consolidando ao longo dos anos, visíveis pelas formas e pela ação do tempo e retratados no imaginário da sociedade. Compreender esses processos e traduzir em propostas para as dinâmicas do território foi um dos papéis atribuídos ao Plano de Florença.

Dentro da dimensão discursiva, se consolidou a construção de cenários futuros e de um projeto de planejamento estruturado a partir de estratégias, ações e projetos. Esse processo tem por objetivo compreender os anseios e desejos de toda a comunidade, é um método aberto e livre, mas capaz de discernir o que cabe e o que não se encaixa no futuro que se almeja para a região.

A imagem do cenário futuro, entendido, por exemplo, como uma formulação de uma história hipotética, que se obtém ao responder à pergunta: “o que aconteceria se”, tem duplo

valor: cognitivo e projetual, sendo que ambos atuam na construção do projeto do território (SECCHI, 2003). Os cenários representam, então, o resultado da interpretação cuidadosa das diferentes imagens que surgem a partir da participação efetiva dos atores sociais somadas a construção de visões e projetos, tudo isso trabalhado intensivamente pelos profissionais responsáveis pelo planejamento regional. “A essência desta nova perspectiva da região é frequentemente representada por um lema, um conceito espacial ou um logotipo. Além disso, a nova perspectiva permite o desenvolvimento de cenários ou a previsão de como as coisas podem acontecer.” (Kempenaar & van den Brink, 2017, p. 10)

As Estratégias e Ações, além dos Projetos efetivos de implementação a curto, médio e longo prazo, consolidam o processo de planejamento regional configurando um sistema que guiará a implementação das mudanças na região em direção ao futuro desejado, considerando o constante movimento e dinamismo do território. As visões estratégicas devem ir de encontro à missão construída pelo conjunto de atores que integram a região, em um processo participativo que tem papel fundamental no fortalecimento e efetivação das ideias em debate. Consolidam-se com a integração da leitura do território somada à participação dos agentes e atores regionais e orientam a construção de ações e projetos para a transformação do território.

### **3. REGIONAL DESIGN APLICADO AO EIXO LONDRINA-MARINGÁ**

Em sua origem, a região norte do estado do Paraná é fruto de um plano de parcelamento urbano e rural do solo e de uma ocupação sistematizada do território capitaneados pela empresa inglesa Paraná Plantations através da subsidiária brasileira Companhia de Terras Norte do Paraná e pela sucessora empresa de capital nacional, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Foram implantadas cidades/patrimônios equidistantes ao longo da estrutura rodoferroviária situada no interflúvio principal da região, sendo que a cada 100km uma grande cidade foi proposta. A porção rural foi entremeada por estradas vicinais, também situadas nos interflúvios, com dimensões de lotes variando entre 1 e 5 alqueires - considerados chácaras para hortifruticultura e granjas e que configuravam um cinturão verde nos limites das cidades -, 5 e 10 alqueires, 20 alqueires, e alguns poucos lotes atingindo 50 alqueires. Para além da cafeicultura, principal cultura entre as décadas de 1930 e 1970, tal formatação fundiária rural favoreceu a policultura e as estradas vicinais tornaram mais fácil a conexão do produtor rural com os centros urbanos.

Os diversos tipos de regiões resultam em diferentes dinâmicas de interrelações das cidades, suas conexões e o meio ambiente em que se encontram (NEUMAN, 2000, p. 118). No caso do norte do Paraná, houve uma completa substituição da cobertura florestal nativa pela produção do café e, posteriormente, produção de grãos em geral. A modificação do bioma natural ocorreu dentro em um período de aproximadamente três décadas. Atualmente, há unidades pontuais de conservação e reservas naturais, mas que se encontram desconectadas entre si e desarticuladas das atividades econômicas da região, o que as colocam em constante risco de exploração por interesses não sustentáveis (PARANÁ, 2019).

A organização do plano de ocupação regional se reflete na formação antrópica que observamos na atualidade. Apesar de alguns núcleos não terem se desenvolvido como previsto, muitos deles se capacitaram para receber indústrias de manufatura e beneficiamento

da produção rural, o que estimulou o crescimento da região. O desenvolvimento compacto, mistura de usos, com um centro de atividades bem definido que caracteriza os aspectos físicos de uma comunidade, peça-chave dos projetos derivados da abordagem do design regional (NEUMAN, 2000, p. 122), são aspectos observados nas cidades do eixo Londrina-Maringá.

A estrutura rodoferroviária continua a ser o elo entre as cidades. Apesar de a ferrovia ser utilizada somente para o transporte de carga, a rodovia, por sua vez, é a base da comutação entre as cidades, sobretudo entre as duas principais cidades do território em estudo. Entretanto, o potencial de conexão regional e a disponibilidade de alternância do modal ferroviário para transporte de passageiros através da construção do contorno regional vinculado ao ramal da Ferrovia Norte-Sul, faz da linha férrea uma das principais estratégias de conexão sustentável da região.

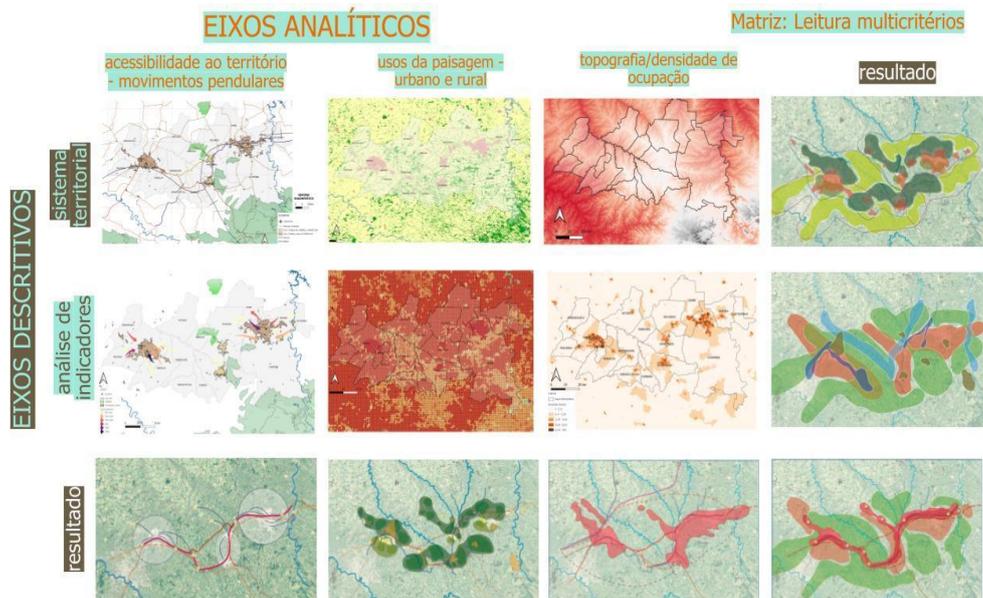
### 3.1 Leitura multicritérios

O cruzamento dos dados levantados a partir dos eixos descritivos e analíticos se transformaram em imagens que, associadas em linhas e colunas, geraram uma matriz imagética a qual representa uma síntese do território em estudo. Essa configuração foi resultado de uma seleção de critérios diretamente ligados à percepção na escala regional, com ênfase na configuração do espaço e na identificação de centralidades, na paisagem urbana e rural, e nos aspectos físicos e sociais.

Para a análise do eixo acessibilidade ao território, foram gerados os mapas do sistema de circulação em todos os seus modais e dos movimentos pendulares. No eixo usos da paisagem foram representados os mapas de áreas verdes e de uso e ocupação do solo. E no eixo topografia/densidade de ocupação foram desenvolvidos os mapas de topografia e de densidade regional. O resultado da composição destes mapas em colunas e linhas permitiu o cruzamento das informações e originou mapas que compõem linha e coluna denominada “resultado”. (Figura 1)

Os mapas foram representados em manchas e conexões que indicam movimentos, aglomerações, expansões, retrações urbanas. Revelam as estruturas do território atual e propõem o exercício imaginativo de fortalecer as características potenciais da região, como as relações intermunicipais, o amplo e diversificado território rural e a infraestrutura urbana em crescente desenvolvimento.

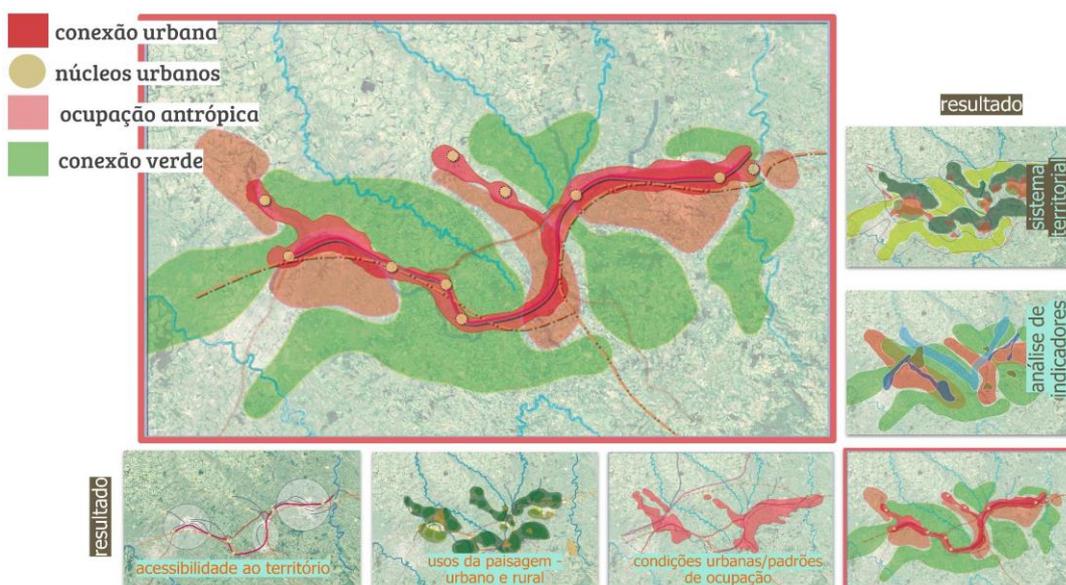
Figura 1. Matriz (Leitura multicritérios)



Fonte: Acervo da disciplina Estruturas Regionais Urbanas

O conjunto de mapas resultantes da matriz multicritérios é uma interpretação imagética da região de estudo. Tal interpretação conduz à elaboração do mapa síntese. O mapa síntese (Figura 2) representa as principais forças exercidas sobre o território urbano com base em uma "narrativa" que será produzida e reproduzida em diferentes ambientes, com diversos atores, em muitos momentos, conduzindo o processo a uma perspectiva bastante particular, pode-se inclusive chamar de única para determinada região. (Kempenaar & van den Brink, 2017)

Figura 2. Composição a partir dos mapas de resultado da matriz multicritérios.

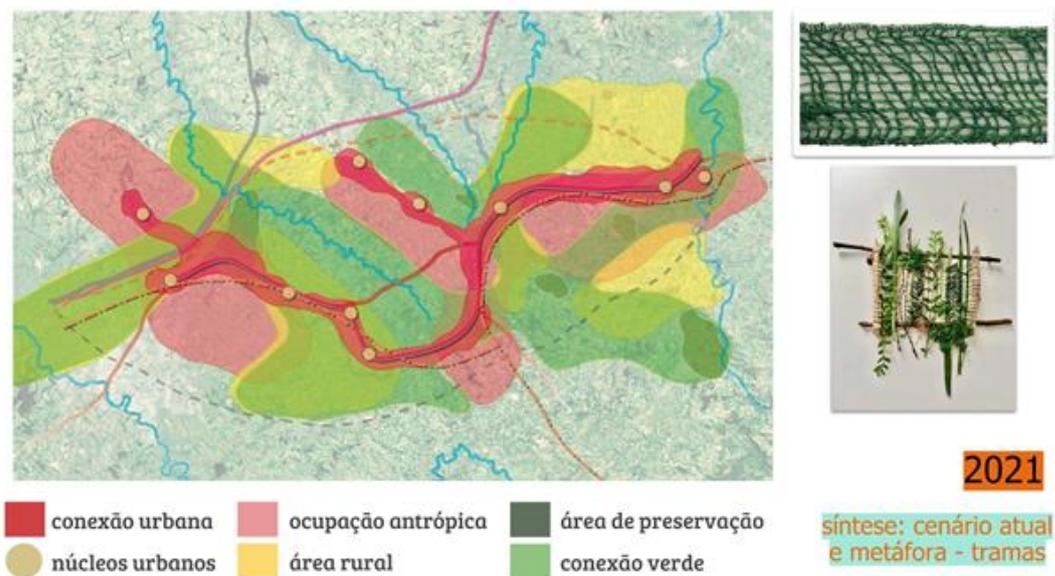


Fonte: Acervo da disciplina Estruturas Regionais Urbanas

A constituição de um conceito-metáfora facilita a disseminação e a própria formação da narrativa. Para o eixo Londrina-Maringá, a interpretação dos mapas de resultado permitiu sugerir a ideia de uma trama, uma costura entre distintos "fios" cujas características, como paisagem natural, zonas agroindustriais ou áreas periurbanas, por vezes se conflitam ou se agregam.

A figura dos fios de uma trama cabe de maneira pertinente para descrever um sistema no qual certas funções precisam se especializar de maneira contínua - como corredores verdes, distribuição de produtos agrícolas ou deslocamento de pessoas entre municípios -, atentando-se também para seus "nós" e as interfaces em que ocorrem os cruzamentos. Ao mesmo tempo, a metáfora da trama auxilia na organização dos dados presentes na matriz, utilizando as características diversas presentes na região estudada como ferramenta para potencializar o projeto que é elaborado, planejando proximidades e intersecções dos diferentes fios da trama. Por conseguinte, a própria figura de "fio" auxilia com a compreensão dos diferentes usos do solo, reconhecendo certas funções como estáticas ou fluidas, resilientes ou frágeis. A imagem da região relacionando-a às tramas de fios, nomina o próprio projeto: *Trama Regional*.

Figura 3. Trama Regional



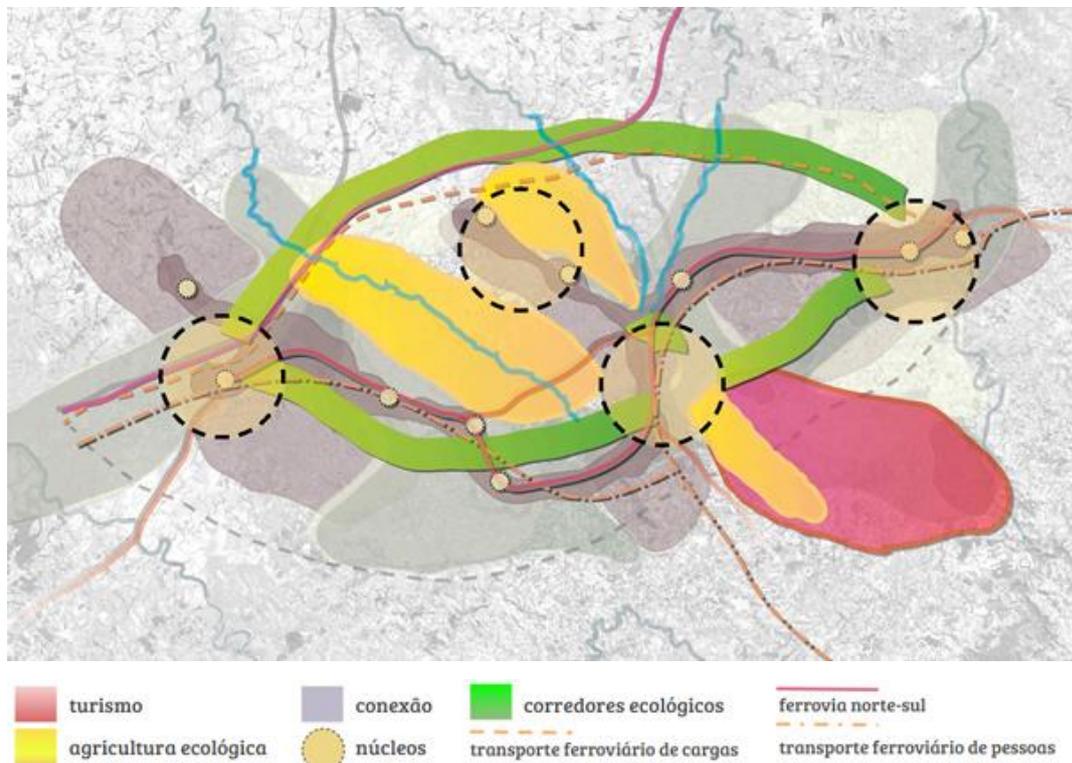
Fonte: Acervo da disciplina Estruturas Regionais Urbanas.

### 3.2 Dimensão discursiva

As tramas da síntese se desdobram em muitos fios dispersos pelo território que exigem leituras em diferentes escalas para que possam se fortalecer e tornar-se o futuro desejável para a região. A visão do futuro, ou simplesmente cenário futuro, reflete os anseios e aspirações para o projeto regional. De acordo com Secchi (2003), os cenários representam, então, o resultado da interpretação cuidadosa das diferentes imagens que surgem a partir da participação efetiva dos atores sociais somada a construção de visões e projetos.

O Cenário 1 vislumbrado foi o incremento da economia regional e o incentivo à recuperação do território e das áreas florestadas. O cenário apostou nas (1) novas oportunidades de negócios que podem surgir nos corredores de transporte que se sobressaem na região integrando-a entre si e ao território estadual e federal. Ao mesmo tempo corredores ecológicos recriam as áreas para proteção dos recursos naturais, água e áreas verdes, conectando as comunidades e estimulando a educação ambiental; (2) incentivos ao turismo e a valorização dos produtores da agricultura familiar com a criação de redes de novas economias e agronegócio inteligente. Os conceitos utilizados para o desenvolvimento desta proposta permeiam a agroecologia, corredores ecológicos e corredores de desenvolvimento e economia circular. Como resultado desse cenário, a trama regional se resplandece fortalecida em sua estrutura e ao mesmo tempo estimula o equilíbrio ambiental. (Figura 4)

Figura 4. Cenário Futuro 1

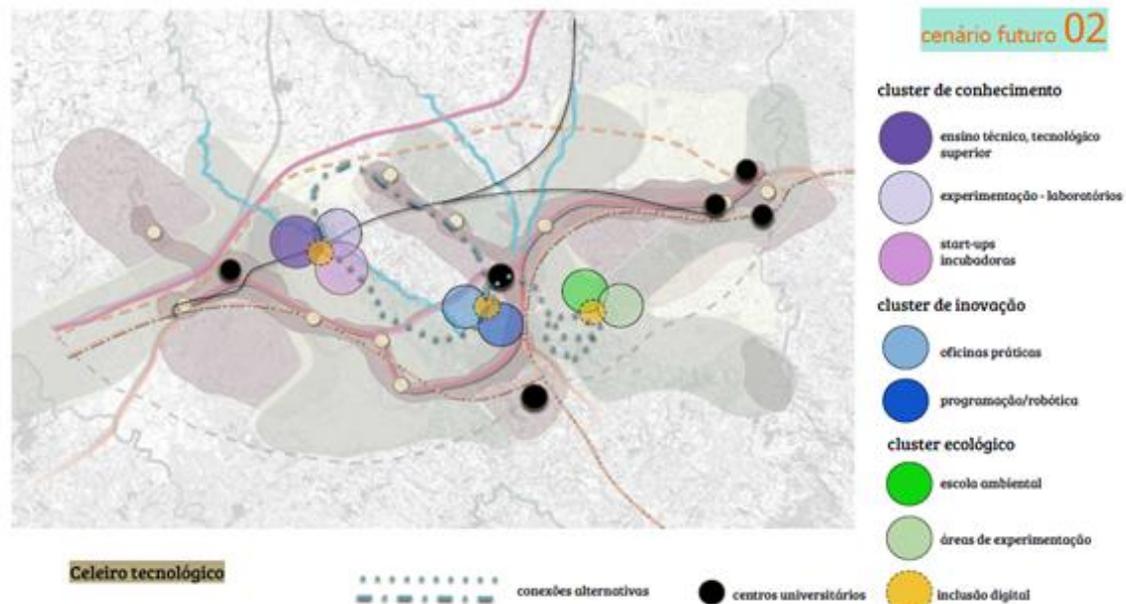


Fonte: Acervo da disciplina Estruturas Regionais Urbanas.

O Cenário 2 teve por objetivo agregar complexidade ao setor produtivo da região, imerso nas inovações tecnológicas e conectado pela forte rede de modais viários. Desta forma, foi proposta a criação de clusters urbanos pautados no incentivo à pluralidade econômica, envolvendo diferentes setores e agentes, não exclusivamente os vinculados ao agronegócio. A imagem deste futuro foi traduzida como uma região que seja um celeiro tecnológico, enquanto os clusters foram nominados de *Cluster do Conhecimento*, *Cluster de Inovação* e *Cluster Ecológico*. Diferentemente do Cenário 1, o Cenário 2 fortalece a trama e promove o equilíbrio ambiental através de pontos vocacionais no território que atuam na regeneração urbana e reestruturação produtiva, melhorando a capacidade de produção da região em serviços

avançados, por meio de parcerias público-privadas. A implementação de *clusters* é uma estratégia para que cidades e/ou regiões alavanquem sua vida econômica através da inovação e diversidade de atividades, capacitando-as em processos de recuperação e reestruturação produtiva. Estes ambientes são responsáveis pela atratividade de altas concentrações de pessoas criativas, talentosas e crescem mais rapidamente do que as demais porções do território. (Figura 5)

Figura 5. Cenário Futuro 2



Fonte: Acervo da disciplina Estruturas Regionais Urbanas.

A etapa que se segue à construção de cenários seria a elaboração de Estratégias e Ações e Projetos de curto, médio e longo prazos. Entretanto, devido ao tempo disposto para realização do exercício acadêmico, esta etapa do Regional Design não foi desenvolvida.

#### 4. UMA OUTRA PERSPECTIVA PROJETUAL

O projeto como uma representação figurativa de uma realidade futura dificilmente voltará a ser compatível com a complexidade das relações que emanam de regiões predominantemente urbanas. Tão pouco os planos sistêmicos e racionais, pretensiosamente abrangentes, conseguiram afirmar-se como a mais adequada ferramenta do planejamento regional. Conciliar projeto e plano tem sido um caminho alternativo.

O projeto de um território contemporâneo vislumbra um maior nível de abstração para que nele possa estar contido o processo de formação e transformação, de permanências e rupturas dos componentes da região. O projeto do território, assim como o projeto de cidade nas palavras de Secchi (2006, p.126) "é um termo mais amplo que o de um plano; compreende hipóteses e propostas que não necessariamente configuram-se como um plano".

O exemplo apresentado neste texto demonstrou o projeto como um exercício de interpretação e constituição de visões hipotéticas do futuro. O projeto do eixo Londrina-Maringá constitui-se da imagem global e precisa desse território. Para tanto, o desenho prefigurou como protagonista e mediador entre arquitetos e outros atores envolvidos, recuperando sua função esquecida no passado para a escala regional e incorporando a interescalaridade dos territórios contemporâneos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente aos cursos de Pós-Graduação da UEM e da UFSC pela possibilidade de integração da disciplina e, principalmente aos professores, Gislaíne e Sérgio, pela disponibilidade em enfrentar esse desafio. Agradecemos à turma e às novas conexões que de lá surgiram e, por fim, ao grupo de trabalho formado pelos colegas Ademir França, Dhyogo Santis, Marina Bernardes, Patrícia Kuwer e Luiz Gonzaga Philippi Filho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZ, V. **Regional Design: Discretionary Approaches to Planning in the Netherlands**. A+BE | Architecture and the Built Environment, Delft, v. 19, Jun. 2019. DOI 10.7480/abe.2019.7. Disponível em <https://doi.org/10.7480/abe.2019.7>. Acessado em: 23 mai. 2021.

BELOTO, G. E. **Da região à metrópole: o território desenhado pelos modelos conceituais**. 2015. 287 p. Tese Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.11606/T.16.2016.tde-07032016-201218>. Acessado em: 05 jun. 2021.

CUTHBERT, A. R. **Understanding cities. Method in urban design**. Londres e Nova York: Routledge, 2011.

FUCILE, R et al. **Raccontare il futuro. L'uso dei concepts spaziali e delle metafore nella rappresentazione delle visioni strategiche**. XVI Edizione Progetto Paese. Milano, 2017.

HALL, P. **Urban & Regional Planning**. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

KEMPENAAR, A., & VAN DEN BRINK, A. **Regional designing: A strategic design approach in landscape architecture, Design Studies**. Netherlands, v. 54, p.s 80-95, Jan. 2017. DOI 10.1016/j.destud.2017.10.006. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.destud.2017.10.006>. Acessado em: 15 jun. 2021.

New Jersey Office of State Planning. **The Regional Design System**. Trenton: New Jersey Office of State Planning, 1990.

NEUMAN, M. **Regional design: Recovering a great landscape architecture and urban planning tradition**. Landscape and Urban Planning, USA, v. 47, n. 3-4, p. 115-128, 2000. DOI 10.1177/0739456X04270466.

NEUMAN, M. **The compact city fallacy**. Journal of planning education and research, Texas, v. 25, n. 1, p. 11-26, 2005. DOI 10.1177/0739456X04270466.

NEUMAN, M. **Rethinking borders**. In: STEELE, W.; ALIZADEH, T.; ESLAMI-ANDARGOLI, L. (Eds.). Planning across borders. London: Routledge. 2014, p. 15-30. DOI 10.4324/9781315890098. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315890098>. Acessado em: 06 jun. 2021.

NEUMAN, M.; ZONNEVELD, W. **The resurgence of regional design**. European Planning Studies, v. 26, n. 7, p. 1297-1311, 2018. DOI 10.1080/09654313.2018.1464127.

NEUMAN, M.; ZONNEVELD, W. (ed.). **The Routledge Handbook of Regional Design**. [s.l.]: Routledge, 2021. DOI 10.4324/9780429290268. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429290268>. Acessado em: 28 mai. 2021.

PARANÁ. COBRAPE, BR ; URBTEC, BR ; TIBONI, G. R. Plano da Metrópole Paraná Norte. 2019.

ZONNEVELD, W.; FALUDI, A. **Vanishing Borders: The Second Benelux Structural Outline: Introduction**. Built Environment, New York, v. 23, n. 1, p. 4–13, 1997. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/23287847](http://www.jstor.org/stable/23287847)>. Acessado em: 15 jun. 2021.

SECCHI, B. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SECCHI, B. **Diário 10 - Progetti, visions, scenari**. Planun Magazine: The Journal of Urbanism. ISSN 1723-0993. 07 jun. 2018. Disponível em: <http://www.planum.bedita.net/planum-magazine/diary-of-a-planner/diario-10-progetti-visions-scenari-bernardo-secchi>. Acessado em: 10 jun. 2021.